

AIDS WORLDS: BETWEEN RESIGNATION AND HOPE

OS MUNDOS DA AIDS: ENTRE RESIGNAÇÃO E ESPERANÇA

Resumo: Os presentes textos compõem o catálogo da exposição *Os Mundos da Aids: entre resignação e esperança (Les Mondes du SIDA: Entre résignation et espoir)*, mostra coletiva de arte contemporânea, realizada em Genebra, em 1998, com curadoria de Frank Wagner, organizada pela *Sida Info Doc Suisse*, em parceria com o *Centro de Arte Contemporânea de Genebra*, a *Dialogai Association* e o *Centro de Arte Contemporânea de Ticino*. A exposição, que teve como tema a relação entre a aids e as artes visuais, aconteceu dentro da programação da *12ª Conferência Mundial de Aids*, evento que reuniu pesquisadores de diversos países para conferências que discutiram a epidemia e seus impactos no mundo. O catálogo da mostra conta com artigos escritos nas línguas alemã, inglesa e francesa, estando presentes nesta tradução apenas os textos produzidos originalmente na língua francesa, entre eles, o prefácio do catálogo, de autoria de Christa Brunswicker, então diretora do *Sida Info Doc Suisse*; o ensaio *Como? Não somos todo(a)s inocentes? Relatos midiáticos da aids na imprensa, a publicidade e o material de prevenção: ensaio em desconstrução*, da artista Martine Andergühren, que propõe uma investigação acerca dos relatos midiáticos da imprensa, da publicidade e de materiais de prevenção sobre a aids nos anos 1990; e o texto *Os mediadores*, de Simon Njami, uma reflexão sobre a aids e as artes visuais a partir da criação artística africana contemporânea.

Palavras-chave: Arte Contemporânea. Aids. Sida. Corpo. Catálogo de arte.



Abstract: The present texts make up the catalog of the exhibition *Aids Worlds: between resignation and hope*, collective exhibition of contemporary art, held in Geneva in 1998, curated by Frank Wagner, organized by *Sida Info Doc Suisse*, in partnership with the *Contemporary Art Center of Geneva*, the *Dialogai Association* and the *Contemporary Art Center of Ticino*. The exhibition, which had as its theme the relationship between aids and the visual arts, took place within the schedule of the *12th World Aids Conference*, an event that brought together researchers from different countries for conferences that discussed the epidemic and its impacts on the world. The exhibition's catalog has articles written in German, English and French, being present in this translation only texts originally produced in French, including the preface to the catalog, authored by Christa Brunswicker, then director of *Sida Info Doc Suisse*; the essay *How? Aren't we all innocent? Media reports of Aids in the press, advertising and prevention material: essay in deconstruction*, by artist Martine Andergühren, which proposes an investigation into media reports in the press, advertising and prevention materials about aids in the 1990s; and the text *The Mediators*, by Simon Njami, a reflection on aids and the visual arts based on contemporary African artistic creation.

Keywords: Contemporary Art. Aids. Aids. Body. Art catalog.

Preâmbulo¹

por Christa Brunswicker

Dez anos se passaram desde a apresentação da exposição *VOLLBILD Tableaux du SIDA* em Berlim. Dois anos depois, tivemos o prazer de receber esta exposição projetada por Frank Wagner em Berna e Lausanne. Mas quando olho para o catálogo da exposição de 1990 e releio meu prefácio da época, surge uma pergunta: o que mudou desde então? Ou melhor: algo mudou?



Na época, as questões cruciais diziam respeito à discriminação e à falta de solidariedade. A aids² era vista como a doença dos “outros”: homossexuais, viciados em drogas, populações de países do terceiro mundo. Apesar das afirmações ponderadas de que a aids afeta a todos, nada parecia mudar. Daí a pergunta: pode uma exposição de arte modificar a percepção social da doença? A organização de tal projeto é responsabilidade de um centro de informação e documentação como o nosso?

Esses problemas e questões permanecem inalterados hoje. As respostas também. Após doze anos de intenso trabalho de informação e explicação, ainda enfrentamos um clima astuto de discriminação. Um exemplo recente: na região de Berna, o diretor de uma escola achou que estava fazendo a coisa certa ao revelar aos pais e professores que um membro do corpo docente estava com aids. Isto sem que o principal interessado seja informado e a pretexto de afastar qualquer risco potencial.

Hoje como ontem, nos países industrializados, o vírus [HIV] infecta principalmente homens homossexuais ou bissexuais, viciados em drogas (seringas) e seus parceiros sexuais; globalmente, afeta as camadas sociais “marginais” e, mais particularmente, as economicamente desfavorecidas. A face da epidemia é uma coisa, as conclusões tiradas pela maioria das pessoas, outra; estigmatização e condenação moral estão no encontro com comentários do tipo: a culpa é deles!

Com esta nova exposição, queremos continuar a acreditar que a arte estimula a reflexão e promove a sensibilização. Além disso, como centro de documentação e informação especializado no domínio da aids, assumimos o papel de uma verdadeira “memória social”: devemos arquivar não só documentos manuscritos ou



impressos, mas também estes fenômenos voláteis, quase elusivos, que são a atmosfera do momento, os sentimentos do outro, as relações ambivalentes da sociedade com a doença e as pessoas afetadas.

Mas esses dados não são novos. Então, o que há de novo? Por que essa nova tentativa?

Em primeiro lugar, há a ocasião da realização, em junho/julho de 1998, em Genebra, do **12º Congresso Mundial** sobre a aids.³ Este evento de grande escala, que é realizado pela primeira vez na Suíça, beneficia uma cobertura midiática importante; no entanto, raramente é sinalizado por uma presença visível na cidade. Nesse caso, o público interessado se reunirá em um centro de congresso localizado na periferia; nas horas vagas, dificilmente se distinguirá dos veranistas, exceto pelas malas esteticamente feias, estampadas com o logotipo da conferência.

Além disso, os relatos sobre conferências na mídia muitas vezes têm um aspecto abstrato que atrai a atenção apenas de raros iniciados: o que é importante no nível científico dificilmente diz respeito ao Sr. e à Sra. Todos. Diante desse quadro, nossa ideia foi divulgar a mensagem da conferência na cidade, sob o lema: “Genebra: uma cidade que enfrenta a aids”.

A exposição de 1990 foi intitulada: **VOLLBILD Tableaux du SIDA - Exposition d'Art sur la Vie et la Mort (VOLLBILD Quadro da AIDS – Exposição de Arte sobre a Vida e a Morte)**. Na época, aids e morte eram quase sinônimos. Para os doentes, o desfecho fatal era questão de meses, de alguns anos para os “sortudos”. O paciente e sua comitiva próxima viviam na certeza da morte, uma realidade cotidiana inevitável.

A exposição apresentou esse confronto permanente com a morte e a doença por pessoas, na maioria das vezes, jovens e



integrantes de uma sociedade que, ainda hoje, relega a morte e a doença a tabus, até serem eliminadas do campo social.

Os Mundos da Aids, contudo, é o reflexo de uma situação transitória, de um estado que oscila “entre resignação e esperança”. Desde 1996, a situação dos soropositivos mudou sensivelmente, pelo menos para uma minoria deles. É necessário poder seguir um tratamento, com disciplina, aceitar as incertezas dos efeitos a longo prazo e, acima de tudo, viver em um país ocidental industrializado, único capaz de fornecer esses tratamentos.

Esse novo dado suscitou uma profunda agitação. Algumas pessoas sob multiterapias entrevistadas por Roger Charbonney testemunham neste catálogo.

As organizações especializadas no cuidado da aids parecem não ter respostas para essa turbulência; lutam para adaptar sua oferta e seu funcionamento, desenvolvendo reflexos de defesa que muitas vezes se manifestam por uma agressividade mais ou menos marcada. Assim, uma organização alemã brandia o espectro da ameaça com o slogan “A aids mata de novo!”; na Suíça, alguns se agarram à fantasia de uma epidemia que ameaçaria a todos indistintamente, inclusive a população heterossexual que não apresenta comportamento de risco. Ao centrar-se muito na defesa de um território, corre-se o risco de se desligar da realidade.

A arte por sua vez - e esta exposição o demonstra - pode ser comparada a um instrumento de medição tão sutil quanto sensível. A exposição reproduz o instantâneo preciso de uma situação, fora de qualquer rede de influência, de qualquer cálculo de interesse institucional. Ancorado no presente, reflete uma atmosfera mista.

Ao contrário da edição de dez anos atrás, os temas da morte e do luto não estão mais em primeiro plano: desaparecidos, as



imagens de um corpo magro em seu leito de morte, ou as de uma introspecção desesperada, em busca do estímulo da morte... Elas deram lugar a cenas de passagem, de transição, de florescimento, de céus abertos. Quase ficamos atordoados diante de tantas cores - mas essas metáforas de uma possível renovação são estilhaçadas em seus impulsos, muitas vezes dentro da mesma obra.

Se o surgimento de novas representações salta aos olhos, certos constantes permanecem; violência social, marginalização, decepção, traição, danos psicológicos e corporais... todos esses “temas” continuam a residir em certas obras. Sem falar na “busca de referência”: a aids, entretanto, desenvolveu uma história própria, e que, se não é longa, teve um percurso cheio de acontecimentos muitas vezes vinculado à carreira de artistas soropositivos. A exposição é, em grande parte, baseada em uma homenagem ao grupo de artistas General Idea que, por meio de suas imagens provocativas, ilustrou os primeiros momentos da aids. Dois dos três membros originais morreram em 1994.

Outra modificação, a exposição ocupa dois locais na cidade de Genebra: o **Centro de Arte Contemporânea** e as instalações da **Dialogai** - uma organização homossexual de Genebra. Oito anos atrás, apresentamos o trabalho de organizações de assistência na exposição; hoje, vamos mais longe ao apresentar parte da mostra artística nas dependências de uma organização fortemente engajada na prevenção entre os homossexuais.

Esta parte da exposição está ligada à programação de atividades da **Dialogai**. Ela reúne diferentes temas relacionados com a memória: a dor relacionada ao luto (poucos homossexuais não perderam um ente querido); a memória de um ser amado, de um amigo ou de um companheiro de luta. Mas também temas



que exploram a identidade homossexual, sua sexualidade e seu erotismo.

De forma geral, esta nova exposição amplia nossos horizontes geográficos e iconográficos, já que certas contribuições vêm do Leste Europeu, África e América Latina. Nos últimos dez anos, desenvolvemos o sentimento difuso de que saímos disso, mais uma vez, graças à nossa força econômica. Por isso, estamos convencidos de que a aids pode ser abordada e resolvida como qualquer outro problema, ou seja, por meio de um tratamento de ordem social, político, econômico ou médico. Enquanto isso, nos países do Leste e do Sul, desenrola-se um drama para o qual nenhuma solução está à vista.

Além da representação artística dessa lacuna na exposição e no catálogo - notadamente por meio de uma montagem de citações sobre o terceiro mundo extraídas da mídia, uma criação de Martine Anderfuhren, as contribuições no catálogo de Pushpa Bhatt, Raphael Baltes e minha prestam uma atenção especial à situação nos países em desenvolvimento. Este relatório apresenta um projeto para ajudar as “trabalhadoras do sexo” em Katmandu, projeto “gota d’água”, se houver, no oceano do problema - mas o acúmulo de pequenos projetos como este pode ainda, da mesma forma, induzir uma melhoria na situação.

Se esta exposição conseguir aumentar a consciência pública sobre a noção de responsabilidade global que todos nós temos, então, teremos dado um passo importante.

Vamos aos agradecimentos. Eles não terão nada de excessivo. Nunca trabalhamos em um vazio tão grande. E isso, embora uma maioria entusiasta parecesse querer nos apoiar, no entanto, o compromisso permaneceu verbal com 190 dos



200 patrocinadores contatados. Os tempos estão mudando... A consciência do papel essencial da prevenção da aids parece ter desaparecido. Soma-se a isso a crise financeira pública que força cada vez mais as organizações a se engajarem na busca por fundos privados. Como resultado, a demanda de doadores em potencial aumentou drasticamente enquanto a aids perdia parte de seu impacto na mídia e na publicidade. Já não é uma causa prioritária principal. E se voltar à frente da cena da mídia com o **12º Congresso Mundial**, aqueles que precisam de recursos para suas próprias atividades correm o risco de cair em vão.

É por isso que estou particularmente grata a todos aqueles que tornaram possível que esta exposição ***Os Mundos da Aids: entre resignação e esperança*** fosse bem-sucedida apesar de tudo.

Meus agradecimentos vão: ao Concelho da fundação ***Sida Info Doc Suisse***, que, apesar da situação financeira preocupante, manteve sua decisão inicial; à Secretaria Federal de Saúde Pública que acordou com o financiamento inicial, facilitando assim, a busca de novos patrocinadores; a todos os patrocinadores públicos ou privados que apoiaram esse projeto (o nome dessas pessoas estão nos créditos do catálogo); ao ***Centro de Arte Contemporânea de Genebra***, à ***Dialogai*** e ao ***Centro de Arte Contemporânea Bellinzona***, que colocaram à disposição seus espaços; aos autores deste catálogo que escreveram seus artigos sem saber se teríamos meios financeiros de publicá-los; à Frank Wagner, o curador da exposição, que não cedeu ao desânimo, assim como toda a sua equipe; à Sylvia Moser Luthiger, que se empenhou da tarefa ingrata de pesquisar fundos e que apoiou a coordenação da organização suíça; à todas as outras pessoas que demonstraram interesse, por suas proposições, seus conselhos e suas ideias, e se envolveram conosco.





Figura 1. General Idea: *AIDS (Red Cadmium Light)*, 1988. Acrílica sobre tela. 61x61cm.
Fonte: Catálogo da exposição.





Figura 2. General Idea: *Playing Doctor*, 1992. Verniz sobre vinil. 225x150cm. Fonte: Catálogo da exposição.



Figura 3. General Idea: *AIDS (Gold)*, 1992. Acrílica e folhas de ouro sobre tela. 76x76cm. Fonte: Catálogo da exposição.



Como? Não somos todo(a)s inocentes? Relatos midiáticos da aids na imprensa, a publicidade e o material de prevenção: ensaio em desconstrução

por **Martine Anderfuhren**

As chances políticas de diferentes grupos na sociedade - poderosos ou fracos, centrais ou marginais - são crucialmente afetadas pela forma como são representados, seja no discurso legal e parlamentar, nas práticas educacionais ou nas artes. Os meios de comunicação de massa, em particular, têm um papel crucial a desempenhar, porque são uma fonte centralizada de definições de como as pessoas são em qualquer sociedade. A forma como um determinado grupo é representado determina, em um sentido muito real, o que ele pode fazer na sociedade.

Desde o início, uma observação: nunca uma doença atraiu tanta atenção da mídia quanto a aids. Hoje, há fortes tendências na mídia e, portanto, na população em geral, de ver a infecção pelo HIV como uma doença crônica. O acesso a medicamentos (como a terapia tripla), a cuidados (não discriminatórios, não moralizantes, não estigmatizantes e não paternalistas) e o apoio social (igualdade em termos de seguro, aceitação das pessoas ao seu redor, etc.) ainda não é óbvio. Globalmente, o número de pessoas infectadas com o vírus continua a aumentar.

O material preventivo publicado (portanto, a política seguida) por determinados ministérios da saúde e órgãos do Estado ainda contém, por vezes, informações questionáveis, moralizantes ou discriminatórias, por exemplo: fidelidade como meio de prevenção, silêncio sobre a homossexualidade, culpa das pessoas afetadas



pela doença através da relação sexual, a separação dos enfermos entre vítimas inocentes ou não. A aids costuma ser usada como uma alavanca para despertar demônios, tais como os da xenofobia.

Os relatos/registros da mídia sobre a doença influenciam a forma como o dinheiro e a energia são levantados e investidos.

O exame das representações e dos relatos sobre a síndrome envolve, em primeiro lugar, a preocupação de integrar as lacunas (o que é amigável), depois, em maior medida, leva em conta o significado imediato (em primeiro grau) das mensagens transmitidas, mas também de se questionar, em profundidade, sobre as imagens evocadas. A abundância de informações tem um efeito mascarado: as coisas são ditas, porém, passam despercebidas, o acúmulo tem um efeito neutralizante, um efeito de filtro. Frequentemente, a informação é escolhida de acordo com uma visão pré-estabelecida de uma determinada população/grupo. Uma escolha que muitas vezes se opera segundo uma forte filtragem ideológica: encontramos então as populações e os grupos sobre os quais ainda vale a pena falar, quanto aos outros... Só as novidades, as informações que se enquadram na grade de preconceitos sobre a aids ainda chamam verdadeiramente a atenção. Por exemplo, as informações sobre a África quase não diferem, pouco fazem ou não fazem distinção entre os países e entre as cidades e as zonas rurais, colocando assim as campanhas nas mãos dos assinantes ausentes. Os silêncios estão carregados de significados, sua decodificação é infinitamente delicada.

Quem está representado? Quem está ausente da apresentação? Quem está na capa de *Spiegel*, *The Economist*, *Newsweek*, *Le Matin*? Quem se torna uma multidão anônima? Quando um certo número de pessoas se torna um grupo -



marginalizado? Como é possível que o continente africano seja representado como entidade homogênea? Desde quando se generaliza um fenômeno a uma região, a um continente? Hoje, como se faz a transição do que foi considerado uma doença de homossexuais e viciados em drogas para uma doença que atinge toda a população? Quem é criminalizado, considerado como potencialmente perigoso para o resto da sociedade? A imagem faz um apelo para chocar o quê/quem? Quais são os referentes/símbolos usados? Podemos afirmar que queremos disseminar mensagens universais e não discriminatórias, sem levar em consideração os públicos-alvo (que devem ser capazes de se identificar com as mensagens para que sejam eficazes)?

Frequentemente, há confusão de níveis nas imagens evocadas para representar a doença e o enfermo. Isso torna os significados ainda mais complexos e potencialmente contraditórios e/ou mensagens embaralhadas. Nisso, o retrato da aids não é muito diferente do resto do panorama visual e da mídia, mas as implicações que dele decorrem não devem ser negligenciadas.

Sentimos vagamente que por trás das mensagens de prevenção às vezes escondem-se escolhas políticas. Essas mensagens, às vezes, também são o resultado de difíceis negociações. Isso explica por que, em contextos semelhantes, as políticas implementadas e as mensagens transmitidas podem ser bastante diferentes.

A aids, uma síndrome amplamente difundida, permite veicular coisas pouco claras, para reforçar imagens preconcebidas. Mas também modificou consideravelmente a imagem de certos grupos no espaço social. Obviamente, algumas manipulações realmente não funcionaram; enquanto outras puderam se expandir



em toda a sua extensão. Isso é indicativo da relação entre a força dos grupos sociais estabelecidos e a possibilidade de controlar os efeitos mais formidáveis da informação. Que a dúvida recaia sobre as intenções e os efeitos de tal ou qual reportagem alarmante em si mesmo não discriminatória, mas que tem efeitos discriminatórios ou neutralizantes. Nesse sentido, a aids revela melhor do que qualquer coisa o limite frágil e incerto que existe entre apelo à solidariedade e estigmatização.

Minha intenção é dissecar certos fatos e coisas pouco ditas, mal ditas, ditas demais, não ditas ou ditas mal, isso com os meios à minha disposição; isto é, examinar, combinar, confrontar, colidir:

- despachos de agências de notícias;
- recortes de imprensa;
- material de prevenção de várias fontes (ministérios de saúde pública, associações como *Deutsche AIDS Hilfe* etc.).

Minha abordagem não é exaustiva, científica nem objetiva. Minhas contribuições estão distribuídas por todo o catálogo e podem ser “organizadas” em várias categorias:

- fatos e números que não chegam ou dificilmente chegam às manchetes;
- comentários, perguntas, representações gráficas e colagens;
- colisão de informações e imagens publicitárias.



Os mediadores

por **Simon Njami**

Três anos atrás, em dezembro de 1995, a *Revue Noire* deu início ao evento *Os Artistas Africanos e a Aids (Les Artistes Africains et le Sida)*. Houve então alguns que se surpreenderam com o fato de uma revista de arte contemporânea dedicar um número especial, filmes, textos e um programa de televisão à aids. No entanto, parecia óbvio para nós: a aids diz respeito a todos nós e se olharmos para o mundo ocidental, a população mais afetada, a mais envolvida na luta, é a população artística. Porque ela estava na linha de frente, porque se tratava de sua sobrevivência. Mas, o artista continua sendo um ator social. O membro de uma comunidade humana que ultrapassa os limites de uma única criação artística. Diante do mal, fazemos sempre a mesma pergunta obsessiva: o que fazer? O que fazer com os amigos que desaparecem, as cidades dizimadas, a angústia do medo e da dor dos que ficam? Como testemunhar, como dizer ao mundo nosso envolvimento total e completo? Como podemos aliviar o sofrimento daqueles que foram atingidos e guardar a memória daqueles que já faleceram?

Claro, qualquer implicação é ambígua. Sempre podemos nos perguntar onde está nosso entusiasmo/emoção. É o desaparecimento de quem amamos, ou melhor, essa transferência que nos faz ver projetados na vida do outro, em seu lugar. A aids nos devolve a plena consciência de nossa finitude. Ela está ali à espreita e nada impede que amanhã, nós que estamos de boa saúde, sejamos as suas próximas vítimas. Agir, portanto, não se torna mais esse fenômeno de solidariedade excessivamente midiaticizado às vezes. Agir torna-se o único controle que temos sobre o mundo.



A única certeza de que não esperaremos passivamente a hora fatal chegar. Agir é recusar os números inevitáveis, a realidade da impotência médica. E nesta tomada de consciência, a África não é um continente à parte. Mesmo assim, seria absurdo afirmar que o fenômeno atingiu o Norte e o Sul também. A África foi, sem dúvida, um alvo privilegiado, um lugar de expansão ideal para uma epidemia que, mais do que qualquer outra, nos remete ao social, ao econômico, ao humano. Uma praga que coloca o homem no centro de sua fúria.

Os países africanos, em muitos aspectos, embora totalmente ancorados no presente e na modernidade, ainda vivem, como países como China, Índia ou Japão em graus mais ou menos importantes, em uma era de regras, de castas, de códigos que fazem sua grandeza e sua miséria. A morte é uma presença com a qual vivemos todos os dias. Mas há mortes que são mais aceitáveis do que outras. Mortes mais adequadas que outras, porque refletem na imagem da família, na imagem de quem fica. No continente da oralidade e da escrita, o não dito permanece predominante nas atitudes. Para não falar de crenças, interpretações. Apesar de, hoje em dia, a aids ter sido midiaticizada, mesmo nos cantos mais remotos do campo, campanhas de informação são organizadas, levando em consideração as culturas locais, continua estampada com o infame selo do indizível. É a marca do mal que condena uma vida mal orientada. Porque a doença ainda está associada principalmente a comportamentos vergonhosos, o que dificulta qualquer tentativa de mudança de costumes e práticas. A suspeita aumenta. Será que, por precaução, você se sentiria tentado a usar um preservativo que, de repente, levantaria uma série de perguntas por parte do parceiro: “Então você não confia em mim? Você tem



algo de que se censurar?”. De tal modo que, antecipadamente, preferimos não falar sobre isso e agir como se nada tivesse acontecido.

A comunicação institucional revela seus limites aqui. Pois, para se comunicar com o outro, é preciso saber a quem se dirige. Devemos encontrar os acentos que tornem a mensagem clara e aumentem sua eficácia. Sem dúvida, isso pressupõe mais recursos do que aqueles que dispõem as organizações sanitárias. Além disso, a situação econômica da maioria dos países africanos quase os impede de construir campanhas adequadas. O estado da rede sanitária, controles e sistemas de triagem são amplamente insuficientes e minimizam os efeitos reais de qualquer comunicação de massa. Apesar de, por meio da televisão, de cartazes nas cidades, incitarem as pessoas a serem mais cuidadosas, essas mensagens desencarnadas não conseguiram mudar os comportamentos individuais. E se somarmos a isso a culpa dos africanos soropositivos, nos veremos confrontados com a magnitude da tarefa a ser cumprida e o caminho que nos resta percorrer antes de virar a maré. Na verdade, enquanto na maioria dos países europeus a evolução da doença está estagnada ou regredindo, na África, cada dia traz sua parcela de novos casos.

No filme *Une Parole, un Visage*, produzido pela *Revue Noire*, queríamos dar corpo a uma realidade muito abstrata. Mostrar ao maior número possível de pessoas que uma pessoa soropositiva não é um leproso que se deve evitar de apertar as mãos. Era extremamente difícil para as pessoas com a doença (com raras exceções) aceitarem se mostrar em plena luz do dia e serem, talvez, entregues à vingança de familiares, amigos, vizinhos. O diálogo que estabelecemos com elas nos permitiu apontar o óbvio:



enquanto a sociedade não estiver preparada para admitir pessoas soropositivas, para vê-las como seres humanos semelhantes a si mesmas, as campanhas de sensibilização terão dificuldade em alcançar seu objetivo. Enquanto os fantasmas continuarem a ser propagados, todas as mensagens serão confusas. Porque o paciente é sempre o outro. E, enquanto se está de boa saúde, não se pode imaginar um dia no lugar daqueles a quem aponta o dedo. Uma das jovens mulheres soropositivas que concordou em ser filmada e testemunhar confessou-nos que não tinha avisado ninguém. Nem sua família nem o homem com quem ela vivia, seu marido. Ela continuou a se comportar normalmente e fez sexo sem preservativo. Porque, ela confessou: “se eu contar para ele, ele vai me deixar. Todos vão me deixar e eu vou ficar sozinha”. Esse medo do julgamento dos outros, da solidão e do ostracismo é fundamental para entender os comportamentos que ainda prevalecem amplamente na África.

Daí a urgência de encontrar outra coisa. Era preciso inventar outros meios que apostassem nas almas dos africanos. Já haviam sido feitas tentativas nessa direção. O cineasta Henri Duparc havia feito o filme *Joli Coeur*, adaptando uma peça escrita por alunos do ensino médio da Costa do Marfim. Posteriormente, outros diretores foram encarregados da realização de spots ou filmes. Mas, novamente, ou caímos na caricatura de bairro Don Juan, ou encontramos uma tipologia aplicada e laboriosa de “populações em risco”: prostitutas, homossexuais, sedutores, que ainda dava ao espectador a liberdade de se excluir disso que foi mostrado a ele. Sendo o nosso campo o da criação africana contemporânea, pareceu-nos lógico pelas aos artistas, combinando todas as disciplinas, envolvê-los recorrendo, seja à sua notoriedade no



continente (o disco que havíamos produzido reunia cantores como Cheb Mami, Pascal Lokua Kanza, Papa Wemba, Ray Lenia, Henri Dikongué, Bonga, para citar apenas alguns), seja baseando-se na força estética e plástica de sua produção artística. Porque, para reinterpretar as palavras de Kant, a arte é o que toca universalmente e sem conceito. O artista, homem ou mulher, que é capaz de fazer chorar e fazer rir, de perturbar o próximo com palavras, imagens, uma tela, uma melodia musical, é sem dúvida o melhor colocado para ir além do que, até então, tinha sido tentado.

A aids tem a particularidade de tocar o que há de mais precioso em nossa humanidade. Ele questiona até nossos gestos mais íntimos. E mesmo que, no humor que a ela se opõe na África (Síndrome Inventada para Desanimar os Amantes, por exemplo) encontramos vontade de lutar, de agir como se nada tivesse acontecido, permanece o fato de que a aids é bem real. E sua evolução no continente reflete essa vontade de viver apesar de tudo, de sobreviver, de ignorar o perigo. A atitude indiferente que encontramos aqui e ali é ditada, consciente ou inconscientemente, por todas as crises que a África teve de enfrentar. Entre as guerras civis, miséria, outras epidemias, condições precárias em todos os níveis de uma existência média, o que afinal representa mais um perigo? Principalmente quando esse perigo atinge a única fonte de prazer e relaxamento que permanece para alguns, aquilo que não custa nada e que podemos, ricos ou pobres, desfrutar de forma equitativa. A morte não cobre as mesmas realidades no sul do Mediterrâneo que nos países ocidentais. Portanto, não representa uma barreira suficientemente forte para ser o único argumento eficaz. A morte é definitiva. Por vezes, é vivida como uma libertação, não necessariamente como uma tortura ou fatalidade. Ou, se é



uma fatalidade, é aquela diante da qual, mais uma vez, todos são iguais. É esse o compromisso que todos nós, mais cedo ou mais tarde, devemos honrar. A África, portanto, optou por aplicar o preceito latino *amor vincit omnia*. O amor acaba com tudo. Porque é realmente do amor que estamos falando aqui.

Tudo isso seria eminentemente poético: *a África dizimada pelo amor* se, infelizmente, os fatos não contradissem esse romantismo cínico. A aids é uma doença moderna, e o amálgama que pode ser feito, no continente negro, entre tradição e realidade, entre maldições e múltiplas crenças e o jogo de esconde-esconde social mantém a ambiguidade que permite que a pandemia continue em seu curso mortal. E quando escrevo que a aids afeta a todos nós, refiro-me a toda a humanidade. Seria fácil, de fato, para o Ocidente dizer a si mesmo “afinal, este é um problema africano. Já estamos fartos”. Infelizmente, ou felizmente, dependendo do caso, o mundo não está mais limitado a um conjunto de áreas geográficas independentes umas das outras. E se a invasão do Kuwait pelo Iraque foi capaz de mobilizar o mundo inteiro, a situação da África em relação à aids deveria ser uma das causas prioritárias dos organismos internacionais. Porque sempre chegará um momento em que, diante da extensão dos danos e do irreparável, o mundo clamará: “Não sabíamos”. Exatamente a mesma contradição que encontramos na comunicação institucional: ao difundir mensagens eficazes e ouvidas, aliás indiscutivelmente necessárias, a instituição criou um distanciamento entre o seu destinatário e a sua finalidade. A mensagem, desencarnada, não leva em conta nenhuma realidade no terreno. Até o dia em que, uma manhã, acordamos soropositivos. E de repente o mundo muda. Encontramo-nos do outro lado do espelho. Em vez daqueles que apontamos ontem.



E lamentamos não ter prestado mais atenção aos outros, não ter amado os homens que deveríamos ter. Mas agora é tarde demais para voltar atrás. Tarde demais para reescrever a história.

A fraternidade abolida, a unidade familiar despedaçada, os parâmetros de referência desfocados. Entramos no longo corredor da solidão, cujo desfecho só então é totalmente compreendido. Mas isso não pode ser explicado com palavras que nunca se ouvem. Os avisos. É preciso ter passado por lá. Ter seguido este caminho pavimentado de dores. E mesmo assim, como a história nos ensina, falta força para testemunhar.

*Mais de 2 milhões de sul-africanos são soropositivos e ignoram isso. **

*São quase 3 milhões de sul-africanos infectados. ***

*10% deles estavam soropositivos em 1997, ou seja, 30% a mais que em 1996. ****

*A África do Sul, país onde a aids mais progride no mundo, contaminando 50.000 pessoas a cada mês****.*

**De acordo com o ministro da saúde da África do Sul em 13 de fevereiro de 1998.*

***Segundo o ministro da saúde da África do sul em 10 de março de 1998.*

****De acordo com a OMS em 13 de fevereiro de 1998.*

*****De acordo com o ministro da saúde da África do Sul em 10 de março de 1998.*

Daí a posição particular do artista. Sozinho, ele pode realizar essa jornada sem volta, mergulhar na escuridão das coisas para



sair com um brilho. Não de esperança, como um bálsamo que nos ajudaria em tempos particularmente difíceis. Não. A crueza e o imediatismo de sua experiência como demiurgo, como barqueiro. O artista é o único mediador que fala aos nossos sentidos, à nossa alma. Porque, justamente, sua obra não abarca nenhum discurso. Na carne de sua voz, no prisma de suas cores, no peso de seu gesto. Ele está inteiramente na obra que nos oferece, pois ele sabe que não é médico, não é representante de ninguém a não ser de si mesmo. Porque ele é um homem entre os homens. Quando abordamos os artistas para nosso evento/manifestação, a palavra de ordem havia sido simples. Queríamos evitar qualquer mal-entendido. Qualquer lágrima desnecessária e artificial. Não era para eles, como foi feito aqui e ali, criar por criar. Era responder a um pedido: “não estamos pedindo que falem sobre a aids, dissemos a eles. Não estamos pedindo que você crie slogans publicitários ou mude seu estilo. Viemos até você justamente pelo que sabemos sobre o seu trabalho. Conte-nos sobre morte, amor, solidão, perda. Pense em amigos, irmãos, conhecidos ou, mais simplesmente, pegue a real dimensão da doença visitando hospitais, conversando com os enfermos. Lide com nossas emoções, em vez de nossa razão”. Pareceu-nos importante que os artistas tivessem um conhecimento real da doença, que se absorvem a desordem, a angústia dos enfermos. A mensagem foi transmitida. Voltando à solidão de seus ateliês, os artistas mergulharam nas profundezas de si mesmos para traduzir essa emoção que a razão não consegue expressar com tanta força e evidência.

A percepção da arte é imediata. Não requer nenhuma mediação, nenhuma tradução. A obra é dirigida diretamente a nós, sem conceito. Toca na essência de quem somos, fala a nós,



especificamente, a cada um. Somos livres para investir nela, para contribuir com nossas próprias experiências, nossas dores e sobre o mundo revelado, de escrever nossa própria história. A obra de arte nos dá a liberdade de torná-la nossa. É por isso, porque o artista não representa uma entidade abstrata, mas um ser de carne e osso, porque compartilhamos com ele a mesma humanidade, que nos preocupamos. Arte não é moral. Pelo contrário. E é neste sentido que intervém de forma complementar e necessária para todas as informações. Por não julgar, por não nos designar como culpados, ele nos obriga a ver o que ele quer nos dizer, deixando-nos o livre arbítrio de um indivíduo sem o qual é impossível determinar. Por não se dirigir a ninguém em particular, exceto ao artista que a autoriza, a obra consegue fazer vibrar o universal. E o fato de o artista ser francês, belga, camaronês ou chinês não muda o assunto. Mesmo que a *Revue Noire* tenha escolhido, prioritariamente, dirigir-se aos africanos. Porque eles eram, antes de mais nada, os primeiros a liderar o caminho.

Entre os inúmeros artistas que estiveram associados ao projeto *Os Artistas Africanos e a Aids (Les Artistes Africains et le Sida)*, vamos dar uma olhada em Pascale Marthine Tayou e Bili Bidjoka. Porque seus trabalhos utilizam uma estética radicalmente diferente para traduzir a mesma desordem. Nas obras de Tayou (realizadas, convém lembrar, antes da existência do projeto), vemos os elementos deslocados de um corpo, de uma vida. Membros desarticulados, objetos descartados, caos de seres dilacerados cujo sofrimento obscuro, a exposição crua, nos atinge de frente. Não podemos deixar de olhar. Somos forçados a ver. Mesmo que, por nojo, vergonha, compaixão, sejamos tentados a desviar o olhar. Mas não há nada no trabalho que reflita qualquer desejo de miséria.



É a realidade exposta. Sem qualquer outro comentário além do olho do artista. Em Bidjoka, é aparentemente a calma civilizada de um mundo policiado. Do lado de fora, uma caixa preta cúbica, com cerca de dois metros de altura, na qual uma abertura nos convida a entrar. No interior, uma lâmpada nua pende do teto e difunde uma luz negra. Uma cadeira. A calma das horas de luto. A câmara da morte onde nos encontramos para meditar e chorar. Com, no fundo, a voz insana de Antonin Artaud que amaldiçoa o mundo culpado da provação de Van Gogh. Um silêncio turbulento que nos desestabiliza gradativamente. E no meio, sob a lâmpada, como se para recolher todas as lágrimas do mundo, uma bacia cheia de água. Não há mais nada a dizer.

Outros artistas traduziram, com sua estética própria, os momentos de tensão, de amor e de dor. As perguntas e as expectativas. As remissões (da doença). Mas, quem quer que sejam, são sem dúvida os que transmitiram com mais precisão a soma contraditória dos sentimentos que nos atravessam quando temos de enfrentar o ato sexual, a desordem romântica, a doença.

Tradução:
Fernanda Soares da Rosa
e Karoline Gonçalves Lima

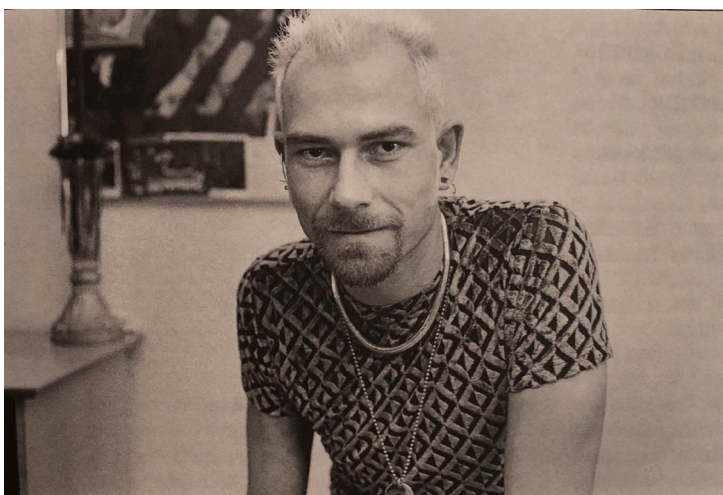


Figura 4. Ruedi Wber, *Peter Breitenmoser*, 1997. Fotografia.
Fonte: Catálogo da exposição.



Christa Brunswicker é pesquisadora sobre aids. Foi diretora do AIDS Info Docu Schweiz. Seus objetos de pesquisa são a aids, saúde pública e prevenção na Europa, escrevendo no final da década de 1990 em publicações como *Être solidaire: c'est agir*.

Martine Anderfuhren (Genebra, 1964) é artista e professora de comunicação visual. Em sua poética investiga temas como inovação social, processos participativos de arte e questões de gênero. A artista participou da mostra *Os Mundos da Aids*, e seu texto encontra-se entre as páginas 24 e 25 do catálogo, dentro da sessão intitulada *Status Quo*.

Simon Njami (Lausanne, 1962) é escritor, crítico de arte e curador independente, cofundador e redator chefe da *Revue Noire*, uma revista de arte contemporânea africana. O texto de Simon Njami encontra-se entre as páginas 50 e 53 do catálogo, dentro da sessão intitulada *Status Quo*. *Revue Noire* pode ser acessada em <https://www.revuenoire.com>.

Fernanda Soares da Rosa é Doutoranda em Artes Visuais, área de concentração em História, Teoria e Crítica, pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAV-UFRGS). Historiadora e Professora de História, formada pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (FFCH-PUCRS). Atualmente pesquisa na área de História, Teoria e Crítica de Arte, investigando a produção do artista brasileiro Claudio Goulart (Porto Alegre, 1954 - Amsterdã, 2005), tendo como enfoque os temas: corpo, sexualidade, aids e arte contemporânea. Atua no projeto de catalogação e pesquisa do acervo artístico e documental da artista Gisela Waetge (1955-2015), no espaço cultural Atelier das Pedras, e integra a equipe de produção da 13a Bienal do Mercosul.

Karoline Gonçalves Lima é Bacharela em Letras - Tradutor Português e Francês (2013-2019) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente é mestranda na área de Estudos da Literatura, especialidade Teoria, Crítica e Comparatismo pela mesma universidade. Realizou durante a graduação pesquisa científica na área de Literatura



Francesa com ênfase em história, literatura, narrativa autobiográfica, memorialismo e língua francesa sob orientação da Prof^a. Dr^a. Beatriz Cerisara Gil. Atuou também como bolsista do Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva, do Instituto de Letras da UFRGS, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Denise Regina de Sales.

NOTAS DE FIM

¹ Preâmbulo do catálogo referente *Os Mundos da Aids: Entre resignação e esperança*, mostra coletiva de arte contemporânea realizada pelo *Sida Info Doc Suisse*, em colaboração com o *Centro de Arte Contemporânea de Genebra*, *Dialogai Association* e o *Centro de Arte Contemporânea Ticino*, com curadoria de Frank Wagner. Em exposição entre os dias 6 de junho e 15 de outubro de 1998, no *Centro de Arte Contemporânea* e na sede do *Dialogai Association* (até 31 de agosto de 1998), em Genebra; e de 15 de novembro de 1998 a 31 de janeiro de 1999, a exposição esteve no *Centro de Arte Contemporânea Ticino*, em Bellinzona, na Suíça. *Os Mundos da Aids* reuniu trabalhos dos artistas: Martine Anderfuhren, Fernando Arias, Art Orinté objet, Greg Day, Tony Feher, General Idea, Claudio Goulart, Zaqueu Guimarães, Lyle Ashton Harris e Thomas Allen Harris, Jim Hodges, Isaac Julien, Peter Knoch, Stephan Landry, Moshekwa Langa, John Lindell, Hentie van der Merwe, Donald Moffrett, Piotr Nathan, Timur Novikov, Owusu-Ankomah, Hunter Reynolds, Pipilotti Rist, Ugo Rondinone, Aura Rosenberg, Cheri Samba, Erick Schmidt, Chrysanne Stathacos, Mina Totino, Edilson Viriato, Ruedi Weber e Antione Zermatten. O texto de Christa Brunswicker, então diretora do *Sida Info Doc Suisse*, encontra-se entre as páginas 9 e 14 do catálogo (N.T.).

² Optou-se por utilizar ao longo desta tradução a atual grafia da palavra *aids*, escrita com as letras minúsculas, pois, esta, já foi incorporada pelo vocabulário da língua portuguesa como verbete. Ainda, tendo em vista, igualmente, que



ao longo dos textos os autores utilizam a grafia da palavra sida com letras minúsculas. Vale ressaltar que a utilização da palavra com letras minúsculas tem sido uma estratégia abordada por segmentos ativistas para configurar de forma menos alarmista a escrita da sigla, buscando amenizar seu impacto. Os textos aqui trazidos utilizam a sigla sida, que sintetiza o termo “Síndrome da Imunodeficiência Adquirida”, mas, para esta tradução optou-se por utilizar o termo aids, já que que no Brasil, apesar da origem e diferentemente dos demais países latinos, usa-se a sigla adotada do inglês, mesmo que gerando certo descompasso ao traduzir cada uma de suas letras ao português (N.T.).

³ A exposição fez parte da programação da **12ª Conferência Internacional de Aids**, evento que reuniu pesquisadores de vários países e teve como intuito discutir a epidemia em uma série de conferências sobre as formas de prevenção e sobre as especificidades de tratamento da doença, até então disponíveis, entre estudos que levantaram os avanços para diminuição das cargas virais e para redução a transmissão do vírus HIV. Mais informações sobre a conferência em notícia publicada no jornal *Le Temps*, em 4 de julho de 1998, disponível em: <https://www.letemps.ch/societe/bilan-positif-fin-12e-congres-mondial-sida> (N.T.).

Referências

Les Mondes du SIDA : Entre résignation et espoir. Catálogo de exposição. Curadoria de Frank Wagner. Impresso por *Centre d'Art Contemporain Genève* e *Sida Info Doc Suisse*, Genebra, Suíça, 1998.

